



Ana Romão eleita nova presidente da APS

Esta entrevista foi concedida minutos antes da Sessão de Encerramento. Porém, a vitória da lista “Pela Sociologia” – uma vez que era a única candidata – estava garantida

Ana Romão licenciou-se em Sociologia no ISCTE (1989) e tirou o mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL (1995). Doutorou-se no Algarve onde também deu aulas (entre 1992 e 2004). Ainda no Algarve, contribuiu para a criação do curso de Sociologia, coisa de que se orgulha bastante, sublinhou. Atualmente é

docente na Academia Militar.

Na APS, fez todo o percurso de “tarimba”. Primeiro como sócia, depois como suplente na Direção, mais tarde enquanto vogal e até à hora desta entrevista, como vice-presidente.

A principal preocupação da lista intitulada “Pela Sociologia” – afirma a quase presidente da APS – prende-se com a empregabilidade – sobretudo dos jovens e futuros sociólogos – e as condições do exercício da profissão. E, para enfatizar essa mobilização, a nova lista até já tem propostas de ação: criar um diálogo com empregadores, percorrendo vários pontos do país, ou até aprofundar a questão da gestão das carreiras e a apresentação dos sociólogos no

mercado de trabalho.

Uma, entre várias outras medidas, tem que ver com o encurtamento do tempo de realização dos congressos, já que “quatro anos é muito tempo”, explica Ana Romão. Assim, o Congresso Português de Sociologia passará a ser bienal. A ainda vice-presidente conclui que “atualmente a Sociologia já não é um parente pobre das Ciências Sociais”, ao invés do que acontecia há alguns anos: “Quando escolhi Sociologia, não tinha a certeza que isso pudesse constituir uma ferramenta de trabalho”, acrescentou entre risos. Quanto à lista anterior, faz um balanço positivo: “Não acredito que tenha falhado. E se falhou também tenho responsabilidade nisso”.

Velhos e novos movimentos sociais: “manifestações que borbulham no tempo”

Apesar da renhida concorrência das Sessões Especiais Simultâneas realizadas no último dia do Congresso, particularmente entre “Migrações e mobilidade”, “Media, poder e opinião pública”, “Sociedade, crises e a América Latina”, foi visível a maior afluência à sessão transferida para o Anfiteatro Nobre da FLUP denominada “Ação coletiva: velhos e novos movimentos sociais e culturais”. Esta predileção ilustra claramente que temáticas como *mudança* e *ação coletiva* continuam a ser extremamente acarinhadas pela comunidade sociológica. Com a moderação de António Firmino da Costa, participaram nesta reflexão Elísio Estanque e José Machado Pais. Elísio Estanque centrou a sua intervenção nos movimentos sociais que emergiram em 2011, designadamente: o movimento “15-M”, conhecido pelo acampamento massivo na Puerta del Sol de Madrid, o movimento internacional “Occupy” e, no caso português, a “Geração à Rasca”. Na sua intervenção procurou pensar o papel destes movimentos na mudança social. Sublinhou a amplitude global destes movimentos inspirados pelas revoluções árabes, abordou quais as reivindicações e representações subjacentes a cada um e identificou como elo em comum as críticas às formas institucionalizadas do



poder político e do sistema económico. Numa abordagem comparativa, procurou relacionar estes novos modos de ação coletiva com “velhos movimentos sociais” (como os estudantis dos anos 60) e perceber quais as aproximações e convergências entre sindicatos, partidos e movimentos. De forma crítica referiu as dificuldades destes “novos movimentos” em serem transformadores e disse desconfiar da sua continuidade futura. Adverso à exposição mediática, José Machado Pais abriu uma exceção para este jornal e explicou, em entrevista, que neste momento será impossível

perceber quais os efeitos no tempo deste tipo de movimento: “podem gerar ou não transformações sociais, novos valores, novas éticas, novas correntes socioculturais”. O sociólogo do quotidiano foi gradualmente cativando o público presente com a sucessão de *slides* fotográficos de cartazes utilizados em manifestações ao longo dos tempos. Identificou alguns pontos em comum entre os movimentos da geração de 60 e os movimentos mais recentes da geração dita “à Rasca” ou dos chamados “Jovens Indignados”, especialmente a proeminência dos jovens uni-

versitários numa “posição de protagonismo liderante” que frequentemente padecem de um “sentimento de frustração relativa”. Sublinhou a participação mais ativa da mulher na sociedade e nos movimentos, referindo a constituição de uma “cidadania privada”. Reconheceu também uma “aglutinação geracional”, visível, por exemplo, no “Movimento dos Indignados”: “O sentimento de mal-estar por parte dos jovens é um sentimento que é partilhado por outras gerações”, uma vez que se trata de um problema de crise económica e não apenas ideológico.

frases do dia

“Quando escolhi Sociologia não tinha a certeza que isso pudesse constituir uma ferramenta de trabalho. Julgava que depois daquilo teria que tirar outro curso para aprender a fazer qualquer coisa”

“Agora estamos num regime democrático, embora, enfim com alguma enfermidade”

“Estava ali para dignificar as pessoas, e não para me aproveitar das suas fragilidades”

Sessão de encerramento: entre nostalgia e esperança renovada “Pela Sociologia”

A Sessão de Encerramento do VII Congresso Português de Sociologia marcou o término não apenas da intensiva jornada do evento mas, também, do plano de trabalho desenvolvido pela Direção da APS no biênio 2010-2012. Após um breve balanço, sentidos agradecimentos à Comissão Local do Congresso, e profundo pesar pelo falecimento da estimada colega Cristina Lobo (1955-2012) – o até então presidente da APS, Manuel Carlos Silva, despediu-se com um comovente “até já”. Num clima de euforia, nostalgia e sentimento de dever cum-

prido face ao sucesso do Congresso, foram revelados os resultados eleitorais. A passagem de testemunho não rompeu a tendência de baixa participação no processo eleitoral por parte dos sócios desta associação. Dos cerca de 2400 sócios, 105 votaram na lista “Pela Sociologia”, tendo oito desses votos sido efetuados por via eletrónica. No manifesto desta lista é possível ler-se que “APS SOMOS TODOS NÓS” e, como tal, a lista encabeçada por Ana Romão deixa a “garantia de fazer o melhor” pela Sociologia.



Manuel Carlos Silva passou o testemunho a Ana Romão

Estrutura organizativa da APS (2012-2014)

Direção: Ana Romão (presidente); Paulo Machado (vice-presidente); João Teixeira Lopes (vice-presidente); Helena Serra (vogal); Paula Abreu (vogal); Dalila Cerejo (vogal); Madalena Ramos (vogal); João Filipe Marques (vogal); José Saragoça (suplente) e Rita Penedo (suplente).

Mesa da Assembleia Geral: Saudade Baltazar (presidente); Nuno Augusto (vice-presidente); Tiago Correia (secretário).

Conselho Fiscal: Eduardo Vítor Rodrigues (presidente); Tiago Caeiro (vogal); Sofia Bento (vogal).

Conselho de Deontologia: António Firmino da Costa

(presidente); Margarida Torres (vogal); Ana Delicado (vogal); Lúcia Ferro (vogal); Fernando Bessa (vogal); Alice Matos (vogal suplente).

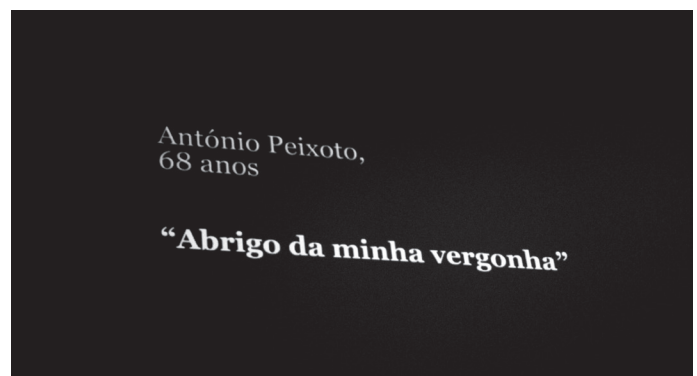
Conselho Consultivo: João Ferreira de Almeida; José Madureira Pinto; Ana Nunes de Almeida; Carlos Fortuna; Anália Torres; Luís Vicente Baptista; Manuel Carlos Silva; José Portela; José Machado Pais; Augusto Santos Silva; Carlos Gonçalves; Carlos Silva; Gilberta Rocha; José Carlos Venâncio; Maria das Dores Guerreiro; Maria de Lourdes Lima dos Santos; Pedro Hespanha; Vítor Matias Ferreira; Maria Eduarda Cruzeiro e António Teixeira Fernandes.

A Fotografia que mudou vidas

“Na Casa De” é o título da exposição da autoria de Paulo Pimenta e de António Silva, acolhida no último dia do Congresso. O fotojornalista do Público e o assistente social “invadiram” a casa de 15 famílias (com as quais António tem uma relação de muita proximidade) que habitam na freguesia de Campanhã, no Porto, durante praticamente um ano. Após a divulgação do trabalho, a Câmara Municipal do Porto (CMP) – “envergonhada com a situação”, segundo António – realoju duas destas famílias. Mais duas terão a mesma sorte até ao

final deste ano.

O Anfiteatro Nobre da FLUP foi o palco escolhido para a projeção de fotografias, seguida de um debate. Munido da sua máquina fotográfica, Pimenta fotografou retratos da pobreza. Uma pobreza envergonhada, tímida e esquecida. Uma pobreza que dói a quem a vive e a quem a “visita”. Paulo Pimenta não quis, porém, expor nenhuma destes rostos da miséria: “Estava ali para dignificar as pessoas, e não para me aproveitar das suas fragilidades”, disse. Visivelmente aborrecido com a importância hierárquica que



a CMP atribui à burocracia face à vida de uma pessoa, lamentou o facto de “muita gente” só se lembrar destas pessoas “depois de ver isto”. O fotojornalista - que tem vindo a desenvolver projectos

neste âmbito, nomeadamente com sem-abrigos e habitantes de bairros sociais - afirma não querer mudar o mundo com as suas fotografias. Mas, “se puder mudar uma vírgula, já fico feliz”, conclui.

Congressistas mais jovens

O VII Congresso Português de Sociologia teve algumas novidades. Nesta edição, a APS garantiu um serviço gratuito de *baby-sitting*, uma parceria entre o Departamento de Sociologia da FLUP e a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Eram 16h30 da tarde. Laura, Rodrigo, Ana Sofia e Marta lanchavam no bar dos professores da FLUP, acompanhados pelas educadoras Cristina, Sofia e Andreia da ESEPF.

Foram recrutadas, no total, nove educadoras, distribuídas pelos quatro dias do Congresso. O objetivo era que os congressistas, comunicantes ou não, pudessem deixar os filhos e assistir às conferências que entendessem. Sem preocupações algumas. Perguntámos a Laura, de quatro anos, se gostava de estar ali. Respondeu um “sim” efusivo, enquanto posava para a nova fotografia. Entretanto, também Ana Sofia e Marta se tornaram amigas. Fotografias só queriam se juntas.

Em entrevista a este jornal, a educadora Cristina Martins, licenciada em Educação Básica, relatou algumas das atividades que fizeram com as crianças: “Em sala de aula, líamos uma história e depois eles trabalhavam sobre ela. Fizemos, também, pinturas e desenhos a partir de vários tipos de papel ou de esponja. No exterior, jogámos à bola, fizemos caça ao tesouro, saltámos à corda.”

Estimava-se que se juntariam a estas quatro crianças de rostos pintados e sorridentes, mais 46. Não aconteceu. Cátia Santarém, responsável pelo secretariado do Congresso, acredita que o fator novidade aliado à falta de confiança tenha sido um entrave para os



pais. Já Cristina acredita que a elevada rotatividade entre educadoras e o facto de só terem sido recrutadas até às 17h – sendo que as atividades no Congresso se prolongavam até às 20h – podem ajudar a explicar a fraca adesão. Porém, a ideia, garante a organização, deve manter-se em futuras edições. E as crianças – pelo menos a avaliar por estas – agradecem.



Cruz Vermelha também colaborou

Uma equipa da Cruz Vermelha esteve em permanência no Congresso, para o que desse e viesse.

Registou-se apenas um incidente durante os quatro dias em que mais de mil pessoas passaram pelas instalações das Faculdades de Letras e de Psicologia: uma queda numa das escadas da FLUP. Nada de grave. A pronta intervenção dos homens da Cruz Vermelha resolveu o problema.

